

ReconstruSom

Audiovisual

Finalização Documentário

25 minutos

PLANO DE PRODUÇÃO	1
JUSTIFICATIVA DE SUPORTE	3
<i>Captação e Finalização</i>	
SINOPSE	4
ARGUMENTO E PESQUISA	5
<i>Ocupação de moradia em São Paulo e algumas alternativas de reconstrução coletiva do tecido social através da Musicoterapia: uma opção para ser aplicada no mundo</i>	
TRATAMENTO AUDIOVISUAL	10

PLANO DE PRODUÇÃO

Proposta de produção

O projeto **ReconstruSom** desenvolve-se há quase 10 meses na fase de pré produção e produção e prevê sua fase de finalização em 3 meses aproximadamente.

ReconstruSom (nome experimental ao momento da proposta) é um documentário de média metragem, em torno da experiência de aplicação da Musicoterapia Comunitária na Ocupação Douglas Rodrigues (ODR) por um coletivo de mesmo nome, composto por musicoterapeutas formados, e de reflexões sobre a luta por moradia pelos moradores da Ocupação.

Firmou-se um plano de coprodução integrada em parceria com coletivos, pessoas e produtoras independentes, com interesse acadêmico e social pelo tema e pela proposta estética e organizativa.

O coletivo Jardim Miriam Arte Clube (JAMAC), a finalizadora Mia Movie e estudantes colaboradores do Brasil, da Colômbia e da França apoiam o documentário **ReconstruSom** por acreditarem na sua relevância tanto social quanto cultural e artística.

Com o Programa Nascente, estima-se possibilitar a pós-produção do documentário com o valor do prêmio e viabilizar sua exibição, valendo-se do reconhecimento do projeto pela Universidade de São Paulo, segundo sua missão de formar artistas e pensadores capazes de interferir criticamente na sociedade. Obra e produção convidam a refletir sobre saúde no seu sentido mais amplo e luta por moradia na cidade de São Paulo através de um olhar crítico e comunitário, propondo a extensão desta iniciativa para realidades semelhantes no Brasil e no mundo.

Estado atual do projeto

Conclusão da fase de captação prevista para 3 de junho de 2017 (último encontro e atividade de encerramento do processo musicoterapêutico e entrevistas finais).

Cronograma de atividades

Etapa	Passos do processo	Tempo de desenvolvimento
Pesquisa	Referências, documentação e diagnóstico	Setembro 2016-Janeiro 2017
	Reconhecimento do contexto	
	Buscar, conhecer e relacionar personagens	
	Antecedentes das temáticas de pesquisa	
	Construção da proposta de roteiro	
Pré-Produção	Trabalho de campo	Janeiro-fevereiro 2017
	Construção do roteiro	
	Decoupage	
	Plano de filmagem	
Produção	Filmagem	fevereiro-junho 2017
	Pré-montagem, conversão de arquivos.	
Pós-Produção	Montagem de imagens (Composição final)	Julho-agosto 2017
	Projeção consultiva na ODR	Agosto 2017
	Colorização, edição de som e legendagem.	Agosto - Setembro 2017
	Mixagem de som	Setembro 2017
	Master (Cópia final)	Outubro 2017

JUSTIFICATIVA DE SUPORTE

Captação e Finalização

Devido à trajetória independente do projeto aliada à dinâmica mais intimista própria aos projetos comunitários, optou-se por equipamento acessível e ágil: câmeras DSLR Full HD e gravadores compactos de áudio, próprios ou emprestados pelos apoiadores do projeto. A opção por este equipamento e suporte se fez ao pesar a praticidade logística necessária à sua realização e à qualidade técnica que permitiria evidenciar o trabalho detalhado de pesquisa e produção coletivas.

Em se tratando de um média-metragem que pretende ser exibido tanto em salas de festivais de filmes, com maior infraestrutura de exibição, quanto em eventos dedicados aos debates concernentes aos temas abordados - saúde, musicoterapia, luta por moradia - propõe-se finalização em DCP e em arquivo digital.

SINOPSE

A 18 de julho de 2016 a Ocupação Douglas Rodrigues, situada na Vila Maria, zona norte de São Paulo, foi atingida por um incêndio que destruiu 315 casas.

Após este trágico evento, um grupo de musicoterapeutas criou o projeto **ReconstruSom** de musicoterapia comunitária, como incentivo às crianças da comunidade a reconhecerem e ressignificarem a atmosfera sonora de seu entorno enquanto seus pais reconstróem suas casas e buscam social e juridicamente o que lhes é de direito.

Um documentário que busca expressar a reconstrução de uma identidade sonora coletiva, e somar à trajetória de resistência e luta de mais de duas mil famílias.

ARGUMENTO E PESQUISA

Ocupação de moradia em São Paulo e algumas alternativas de reconstrução coletiva do tecido social através da Musicoterapia: uma opção para ser aplicada no mundo.

Um olhar e uma escuta coletivos permeiam este documentário em várias instâncias: desde a pluralidade de experiências do coletivo que o realiza quanto pela diversidade de personagens que o compõem: as numerosas crianças que participam quinzenalmente das atividades de musicoterapia propostas pelo Projeto, suas famílias, lideranças da Ocupação, os próprios musicoterapeutas.

No entanto, estes olhares e escutas não se resumem a uma apreciação pacífica das paisagens sonoras da Ocupação Douglas Rodrigues: crianças e suas famílias são sujeitos criadores desta atmosfera “musical” que os rodeia. Desde as serras e martelos usadas na reconstrução das casas perdidas no incêndio às vozes “desabafadas” cantando juntas, o Projeto **ReconstruSom** vai atrás de escutar e compor audiovisualmente uma narrativa desta luta por moradia digna no seio da Vila Maria, pois acredita que estas experiências podem reverberar em outros espaços, já que a problemática da habitação é mundial, evidenciada nas constantes migrações e revoluções sociais, econômicas, ambientais e culturais que influenciam o surgimento das ocupações em todo o mundo.

O processo de Musicoterapia Comunitária e seus efeitos (e o próprio ato de documentar audiovisualmente) são inevitavelmente postos em cheque: qual sua efetividade? Qual o caminho de aproximação entre a formação teórica e uma realidade não-controlada? Quais epistemologias servem ou não à aplicação do Projeto e ao seu objetivo maior, qual seja, servir de ferramenta de apoio à luta por moradia digna?

Desde janeiro do ano corrente, registrou-se não apenas as atividades de musicoterapia, promovidas quinzenalmente pelos musicoterapeutas do coletivo, mas também o cotidiano dos moradores da ocupação, da reconstrução das moradias destruídas pelo incêndio em julho do ano

passado e da evolução do espaço como um todo, além de entrevistas com familiares das crianças envolvidas nas atividades e lideranças da Ocupação.

A articulação destes sons e imagens pretende, portanto, atender aos seguintes objetivos (não nesta ordem):

1. Descrever o processo de ocupação, suas necessidades, lutas e buscas, através do caso local da ocupação Douglas Rodrigues, localizada na Vila Maria, zona norte de São Paulo.

2. Analisar o impacto e influência da musicoterapia comunitária nos processos de reconstrução e fortalecimento do tecido social, sendo uma ferramenta que impulsiona a emancipação.

3. Definir e mostrar a musicoterapia comunitária como processo terapêutico alternativo.

4. Afirmar a potencialidade da MT comunitária para promoção da saúde e fortalecimento da coletividade das crianças da ODR.

5. Afirmar a potencialidade do documentário para difundir a iniciativa de MT comunitária e a luta por moradia da ODR.

Reforça-se que um plano de difusão do filme em espaços dedicados ao debate dos temas concernentes ao projeto (musicoterapia comunitária, movimentos de moradia, cinema comunitário), é tão importante quanto a realização do filme. Portanto já estão previstas projeções deste documentário através da rede de pessoas que nos apoiou durante a realização do projeto, além é claro da projeção em caráter consultivo sobre a montagem final para os próprios moradores da ocupação.

Ocupação Douglas Rodrigues

A 27 de agosto de 2013, um grupo formado por sem-teto e habitantes da região da Vila Maria, Zona Norte de São Paulo, ocupou um terreno de 50 mil metros quadrados, próximo rodovia Presidente Dutra e à marginal Tietê, importantes vias de acesso à cidade. O terreno pertencia a empresa “Ideal Empreendimentos Imobiliários”, devedora de quase 1 bilhão em impostos à União.

Meses depois, a ocupação foi batizada em homenagem ao jovem Douglas Rodrigues, de 17 anos, morto sem justificativa pela Polícia Militar que patrulhava um bairro próximo à Vila Maria, em outubro do mesmo ano. Logo antes de morrer, o jovem perguntou “Por que o senhor atirou em mim?”

A ocupação conta hoje com mais de duas mil famílias, cerca de oito mil pessoas. Ainda que tenha sido declarada Zona Especial de Interesse Social em julho de 2015 pela Prefeitura de São Paulo¹, ainda resiste a ordens de reintegração de posse (somam-se sete, desde a criação da Ocupação), tendo sempre contado com o apoio de outros movimentos sociais, sobretudo os de moradia na cidade de São Paulo, aos quais frequentemente também presta apoio.

Um projeto de mapeamento e urbanização foi implementado em parceria com o Observatório de Remoções, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, “com a finalidade de ter um maior conhecimento sobre as famílias que vivem ali, e assim reforçar a luta por moradia e ser capaz de obter melhores condições de moradia”.²

“Foi possível identificar que grande parte das famílias veio do entorno da Ocupação (mapa 2) e o principal motivo que as fez sair da moradia anterior foi problema de renda: dificuldade de pagar aluguel e/ou desemprego, que representou 65,5% das respostas dos questionários respondidos.

[...] Outro dado importante identificado foi a quantidade predominante de famílias jovens (grupo de pessoas entre 18 e 29 anos, segundo o IPEA) na Ocupação, totalizando 41% dos questionários respondidos. Trata-se de um grupo específico que manifesta a vulnerabilidade ao decidir formar uma nova família e sair da coabitação do arranjo familiar anterior e se tornarem jovens responsáveis por uma casa, casais com filhos representam 15,7% das famílias totais da Ocupação, sendo ainda que outras 5,6% são constituídas por mães ou pais solteiros. Esse alto número de famílias jovens também pode significar que esse perfil de família talvez seja menos atendido/se enquadre menos em programas habitacionais.”

Observatório de Remoções

Neste três anos, a ODR passou também por quatro incêndios. O último e mais grave, a 17 de julho de 2016, iniciou-se por volta da meia-noite, bem no seu centro, em um dos galpões

¹ Movimento Independente de Luta por Habitação - Vila Maria. *VITÓRIA!* Disponível em: <<https://ocupacaodouglasrodriguesvilamaria.wordpress.com/2015/07/06/vitoria/>>

² Observatório de Remoções. *MUTIRÃO DE MAPEAMENTO NA OCUPAÇÃO DOUGLAS RODRIGUES*. 2016. Disponível em <<https://www.observatorioderemoco.es.fau.usp.br/mutirao-de-mapeamento-na-ocupacao-douglas-rodrigues/>> Acesso em; 20 de abril de 2017.

ocupados, deixando cerca de 1400 pessoas sem casa e dois mortos. O fogo destruiu 315 casas, e estas famílias foram acolhidas em solidariedade por vizinhos.

A reparação dos danos materiais e psíquicos e a reconstrução das moradias perdidas está sendo feita pelas mãos dos próprios habitantes, com o apoio de ONGs e entidades públicas.

Os moradores, em abril deste ano, conquistaram finalmente a instalação regular da rede de água, e ainda luta pela regularização da rede de esgoto e eletricidade.

Musicoterapia Comunitária

“Musicoterapia é a utilização da música e/ou seus elementos (som, ritmo, melodia e harmonia) por um musicoterapeuta qualificado, com um cliente ou grupo, num processo para facilitar, e promover a comunicação, relação, aprendizagem, mobilização, expressão, organização e outros objetivos terapêuticos relevantes, no sentido de alcançar necessidades físicas, emocionais, mentais, sociais e cognitivas. A Musicoterapia objetiva desenvolver potenciais e/ou restabelecer funções do indivíduo para que ele/ela possa alcançar uma melhor integração intra e/ou interpessoal e, conseqüentemente, uma melhor qualidade de vida, pela prevenção, reabilitação ou tratamento”.

Federação Mundial de Musicoterapia Inc. 1996³

A iniciativa do **ReconstruSom** vem da vontade de um coletivo graduado em musicoterapia em ressignificar no imaginário das crianças da Ocupação Douglas Rodrigues, a partir de sua área de formação, o evento traumático do incêndio de julho de 2016.

Partindo-se de que a promoção da saúde é muito mais ampla do que simplesmente o tratamento de enfermidades, e de que a saúde mental é uma articulação complexa de fatores individuais e sociais, uma proposta de musicoterapia comunitária, fora do ambiente controlado da clínica e do hospital, deve levar em consideração os determinantes da socialização e da construção da identidade individual e coletiva onde ela se aplica.

No caso da Ocupação Douglas Rodrigues, cuja a história e o presente estão cotidianamente marcados pela instabilidade e vulnerabilidade do espaço onde se vive, a

³ Associação de Profissionais e Estudantes de Musicoterapia do Estado de São Paulo. *O que é?* Disponível em: <<https://apemesp.wordpress.com/musicoterapia/o-que-e/>>

emancipação individual e coletiva buscada pela musicoterapia tocará necessariamente conflitos e potencialidades intrínsecos a estes espaços físicos e simbólicos, a casa e o direito de ocupar.

O empoderamento se evidencia quando existe um lugar para que os saberes comunitários participem construtivamente das ações na Saúde. A participação e o empoderamento são responsáveis por dignificar os saberes, as linguagens culturais e sociais, viabilizando o encontro e vínculo entre a comunidade e os musicoterapeutas.

Pellizzari, 2011⁴

A musicoterapia é apenas uma ferramenta facilitadora e impulsora de potencialidades e iniciativas que já estão nestas comunidades. Ela rompe as barreiras entre o público e o privado, pois permite que o indivíduo se reconheça como sujeito da situação, pertencente a um grupo onde encontra sofrimentos e esperanças comuns.

O encontro entre o musicoterapeuta e as crianças, das crianças com elas mesmas e do grupo de crianças que recebe a musicoterapia com sua comunidade são o objeto da musicoterapia comunitária. E a partir destes encontros, as transformações vão acontecendo em cada esfera da vida das pessoas e da comunidade, e cada elemento da música - o silêncio, cada instrumento escolhido, a interpretação, cada voz - provoca diferentes impactos nestes encontros.

⁴ PELLIZZARI, P. *Crear Salud: Aportes de la musicoterapia preventiva – comunitária*. Argentina: Patricia Pellizzari Editora, 2011.

TRATAMENTO AUDIOVISUAL

Imageticamente, o objetivo é, em primeiro lugar, permitir ao espectador sentir o universo da Ocupação com planos de sua infraestrutura interna e o ambiente que o rodeia. A Douglas Rodrigues tem uma forma quase circular, delimitada por um muro em todo seu entorno, e possui três entradas: uma para a Marginal Tietê e outras duas para ruas dentro do bairro. Em seu interior, logo na entrada pela rua Manguari, um grande galpão de dois andares, pé direito alto, quase sem janelas, semelhante ao que o fogo destruiu meses atrás, é rodeado por pequenas casas, feitas de materiais em muitos casos reutilizados (tijolos, pranchas de madeira, lonas, etc.), becos e vielas.

A dimensão do espaço é apreendida por diferentes pontos de vista: do lado de fora da ocupação, de cima dos prédios que a circundam e do próprio galpão, de dentro dos becos, etc, com planos de diferentes escalas, buscando uma visão da dinâmica da vida cotidiana dos moradores e do ambiente em transformação constante pelas mãos deles mesmos .

Em segundo lugar, mostrar a execução das atividades de musicoterapia, que ocorreram em vários dos espaços tratados acima. O objetivo é mostrar as proposições dos musicoterapeutas, o efeito das atividades sobre as crianças e em alguns momentos, a reação e participação espontâneas dos demais moradores. As evidências do sucesso ou não em atingir os objetivos de cada atividade também interessam. Captou-se cada atividade em duas câmeras: a primeira, predominantemente fixa, cobrindo as atividades em um plano aberto, “de fora”. A segunda câmera (na mão), com planos mais fechados, nos detalhes da atividade (nos rostos, gestos, instrumentos).

Em terceiro lugar, a montagem contará com entrevistas de uma série de personagens: musicoterapeutas, fazendo um balanço dos propósitos e conceitos envolvidos em cada atividade; algumas das pessoas envolvidas mais diretamente na organização da ocupação, como suas lideranças políticas e outros agentes mobilizadores, que conseqüentemente foram a ponte que viabilizou o projeto lá dentro, aportando as demandas da ocupação e o retorno dos moradores; algumas poucas crianças e suas famílias, com uma lembrança mais pessoal tanto da experiência musicoterapêutica quanto da própria história da ODR.

Em se tratando de uma aproximação musical com os moradores, o trabalho da construção sonora terá como objetivo relacionar o processo de emancipação dos sujeitos através das atividades com o processo de reconstrução física (e, por que não, simbólica?) da ocupação. A título de exemplo, uma rima rítmica e de timbre entre alguns instrumentos percussivos tocados pelas crianças com as marteladas constantes que são parte da identidade sonora deste lugar. As músicas ouvidas no dia-a-dia dos moradores também compõem com a visita musicoterapêutica, estando presentes em quase todos os momentos de “passeio” pela ODR. No entanto, a captação buscou superar a dificuldade em trazer ao primeiro plano justamente as vozes das crianças que, não raro, competem com o ambiente já naturalmente ruidoso.

A Montagem final evolui de modo que a apresentação do espaço ao espectador seja uma metáfora da evolução do processo terapêutico. A montagem começa com imagens do ambiente da ocupação, continua com imagens das alturas, com as ruas da ocupação cada vez menores e termina com imagens do interior do galpão ocupado (em torno do qual foi construída a ocupação), convidando o espectador a adentrar gradualmente o lugar, uma ou outra viela, até chegar ali, naquele galpão escuro, semelhante ao destruído pelo incêndio, símbolo do seu próprio subconsciente. Dado que no momento de escrita deste trabalho ainda nos resta um encontro com uma atividade final de musicoterapia, a se realizar a 3 de junho, ainda é necessário um tempo para decantar as experiências e se sugerir um final, mas a hipótese é de que seja, ao contrário desta sequência prevista do galpão escuro, algo que volte a projetar para fora a potência de uma experiência como a da aplicação do projeto de musicoterapia comunitária numa ocupação, e, sobretudo a resistência exemplar dos moradores da Ocupação Douglas Rodrigues.